

ENSINAR EXIGE DISPONIBILIDADE PARA O DIÁLOGO

Angela Cristina Gualine dos Santos

gualineangela@gmail.com

Universidade Federal Fluminense

Modalidade: Artigo

Área Temática:

Resumo:

O presente trabalho busca refletir sobre a atuação docente no cenário escolar contemporâneo, repensando o fazer pedagógico a partir de uma perspectiva crítica, humanizadora e dialógica. Inspirado nos pressupostos da pedagogia freiriana, compreende-se que o professor não é apenas transmissor de conteúdos, mas sujeito ativo na construção de práticas educativas comprometidas com a emancipação humana. A contemporaneidade é marcada por profundas transformações sociais, culturais, econômicas e tecnológicas. Entretanto, observa-se que muitos espaços escolares permanecem vinculados a modelos pedagógicos tradicionais, baseados na centralidade do professor e passividade do estudante. A partir de reflexões autobiográficas e da experiência profissional construída ao longo de quase três décadas no magistério, a autora problematiza práticas pedagógicas que, muitas vezes, reproduzem relações de opressão no interior da escola. Nesse contexto, emerge a necessidade de ressignificar a prática docente, assumindo-a como prática social comprometida com o diálogo, a escuta sensível e a construção coletiva do conhecimento. A Pedagogia Social apresenta-se como possibilidade de reconstrução da prática educativa, ao compreender a educação como fenômeno que ultrapassa os muros escolares e constitui-se nas interações humanas e leitura crítica da realidade. Conclui-se que repensar o fazer pedagógico exige do educador um movimento permanente de reflexão sobre sua própria prática. Assumir-se como sujeito inacabado, aberto ao diálogo e à transformação, constitui condição essencial para que a educação cumpra seu papel social de formação humana e emancipação dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia Social; Humanização; Formação Docente.

Introdução

O cenário educacional contemporâneo é atravessado por profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas. Nesse contexto, constantemente, a escola é convocada a repensar suas práticas pedagógicas para responder às demandas emergentes da sociedade atual, contudo, observa-se que muitas instituições escolares ainda operam a partir de modelos pedagógicos tradicionais, marcados pela centralidade no professor, transmissão de conteúdos e passividade dos estudantes durante o processo de aprendizagem. Assim, questiona-se como combater essa realidade que se aproxima do que Paulo Freire denominou educação bancária,

quando o educador assume a posição de detentor do saber e os alunos são concebidos como meros receptores de informações.

Diante desse cenário, com base nas quase três décadas de experiência da autora como educadora, objetiva-se refletir criticamente sobre o fazer pedagógico e o papel do professor na construção de uma educação que valorize o diálogo, a participação e a humanização dos sujeitos. Para tanto, faz-se necessário discutir a ideia de “submissão”, em sala de aula, exposta na relação de convivência entre professor e aluno, em que a ação de verticalidade acontece, bem como compreender a importância do diálogo entre professor e alunos.

No livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire contrapõe o modelo de Educação Bancária, no qual os conteúdos são desligados da situação existencial do aluno. No cenário descrito por Freire, a comunicação é unilateral, a metodologia e a didática são antidialógicas, a avaliação tem como função selecionar, classificar e contabilizar. Na contemporaneidade, esse modelo não é possível tendo em vista as novas perspectivas pedagógicas que colocam o aluno como protagonista de seu processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a experiência da autora como educadora traz contribuições que ilustram uma prática mais assertiva, voltada para o desenvolvimento do aluno. Assim, este estudo, cuja natureza metodológica é descritiva e qualitativa, consiste em um relato de experiência.

A Educação ainda caminha na contramão do progresso e da evolução humana, funcionando como termômetro desta sociedade excludente, egoísta, arcaica e, sobretudo, desatualizada. Ela carrega, há décadas, modelos ultrapassados e formatos destituído da realidade, que devem ser desconstruídos o quanto antes, em uma parceria entre escola, família e sociedade. Portanto, a reflexão do contexto educacional se faz imprescindível em busca de transformação.

Fundamentação Teórica

A reflexão proposta neste trabalho fundamenta-se, principalmente, nos pressupostos da pedagogia freiriana, que compreende a educação como prática de liberdade e intervenção no mundo. Para Freire (2011), ensinar não significa transmitir conhecimentos, mas criar possibilidades para que os educandos produzam e construam saberes a partir de suas experiências e de sua leitura crítica da realidade. Nesse sentido, o diálogo constitui elemento central do processo educativo, pois é por meio dele que educadores e educandos se reconhecem como sujeitos históricos em constante processo de construção.

A crítica à educação bancária revela a necessidade de superar práticas pedagógicas baseadas na imposição do saber e na ausência de participação ativa dos estudantes. Portanto, a educação problematizadora propõe uma relação horizontal entre professor e aluno, na qual ambos aprendem e ensinam simultaneamente. Além disso, a Pedagogia Social amplia o entendimento da educação ao considerar que os processos formativos ultrapassam o espaço escolar e são constituídos nas relações sociais, culturais e comunitárias.

O mundo mudou, conseqüentemente, as pessoas também mudaram. O advento tecnológico, a emancipação feminina, violência doméstica, a crise política no Brasil, a Pandemia do Covid-19, dentre outros acontecimentos do mundo globalizado, exercem influência sobre a educação. No século XXI, os extremos temporais separam as ações da escola e implicam relacionamentos interpessoais. Hoje, é possível conferir, em tempo real, o que acontece no mundo globalizado, contrapondo a escola, que se mantém, muitas vezes, resistente a mudanças. Ela encontra disponibilidade para o diálogo, mas resiste ao novo, ainda que rejeite qualquer forma de discriminação.

Metodologias de trabalho tradicionais não cabem na realidade atual. Um formato de ensino que não atende mais ao público que está posto, tampouco às demandas emergentes desta contemporaneidade, obriga a escola a repensar sua função e redesenhar seu papel, sendo preciso rever os recursos materiais e, principalmente, os recursos humanos. Assim, é essencial analisar Freire (2018), que propõe o educar com base no diálogo, compreendendo que a educação é uma forma do sujeito intervir no mundo ao seu redor.

A educação transforma? Tal questionamento provoca o professor a muitas outras indagações permanentes. Também, sugere ampliar a busca por respostas e novas formas de interagir no mundo/escola. Ao fazê-lo, tomamos consciência de que sempre há algo mais para ser questionado, perguntado, revisitado, ampliado (Martins, 2015).

Metodologia

O presente estudo consiste em um relato de experiência, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, construído, metodologicamente, a partir da vivência da autora como educadora em busca de um ensino no qual o aluno seja protagonista do processo de fato. A experiência da autora advém da atuação em sala de aula durante quase três décadas, buscando uma educação inovadora. As informações aqui relatadas são fruto das observações feitas nas aulas ministradas para alunos da educação básica de diversas turmas, possibilitando a sistematização de ações desenvolvidas, a percepção dos envolvidos e as reflexões decorrentes

da prática. Os registros foram organizados e analisados de forma reflexiva, à luz da literatura pertinente, com o objetivo de descrever e discutir os principais aspectos da experiência vivenciada.

Resultados

Reflexões sobre a prática docente

Ao longo de quase 28 anos de atuação no magistério, diversas experiências vivenciadas no cotidiano escolar suscitaram inquietações sobre o modo como o processo de ensino e aprendizagem vem sendo conduzido nas escolas. Em determinados momentos da trajetória profissional desta pesquisadora, foi possível perceber a reprodução de práticas pedagógicas autoritárias, advindas de modelos tradicionais de ensino. Tal constatação provocou um movimento de autocritica e reflexão sobre a própria prática docente da autora.

Nesse processo, reconhecer-se é fundamental para compreender que, muitas vezes, práticas opressoras são reproduzidas de forma inconsciente no interior da escola. Assim, torna-se necessário repensar o papel do educador e assumir o compromisso com uma prática pedagógica mais democrática e humanizadora.

No cenário no qual se encontram as escolas, é possível observar a emancipação como viés de libertação dos menos favorecidos e proporcionar uma participação política mais coerente, que seja favorável ao diálogo, à comunicação, ao debate, à igualdade, à paz, à troca de experiências, à partilha, à comunhão entre as pessoas, portanto, a humanização dando lugar a desalienação, afirmando os homens como pessoas. Rever a própria atuação neste cenário é urgente, o porquê o ambiente da escola já não é mais tão atrativo. As inquietações vão dando lugar às interrogações quando decidimos buscar na academia as respostas para as perguntas que surgem a partir das práticas pedagógicas cotidianas.

São várias vozes que se constituem neste encontro do “Eu” pessoal com o “Eu” profissional. Contudo, identifica-se a ausência de diálogo nas ações do cotidiano. É possível perceber tal afirmativa no cotidiano das ações e quando ao registrar o fazer a partir do processo histórico, conforme a vivência em sociedade, dando margem para compreender a si mesmo. Neste percurso, afeta-se e se é afetada por forças centrífugas e centrípetas. Neste movimento circular, o professor toma consciência do seu inacabamento, do quanto precisa se reinventar para continuar atuando no cenário da escola na atualidade. É essencial buscar outras formas de estabelecer um diálogo entre o local e o global, entre o específico e o generalizável. Dialogar

com professores sobre a prática pedagógica no tocante à arte do saber e do fazer no cotidiano escolar é urgente e necessário.

Então, faz-se necessário nascer de novo, em diálogo com o conceito da metáfora do partejamento descrita por Paulo Freire. No encontro do “Eu Pessoal com Eu Profissional” e o aceite para rever a si mesmo, identifica-se a necessidade de nascer de novo. O momento é oportuno. Assim, ao ler minhas atitudes como pesquisadora, busco nas experiências, nos conhecimentos prévios, recebido na formação familiar, na educação cultural, e na formação inicial, enfim, nas várias vozes que me constituem, refletir sobre meu fazer pedagógico. É preciso romper com o comodismo que limita ao passado e avançar na conquista do conhecimento que se busca todos os dias, considerando que o ideal de ontem pode não fazer sentido hoje.

A reflexão sobre a prática docente, muitas vezes, exige do educador um movimento profundo de revisão de si mesmo. Reconhecer limites, rever práticas e abrir-se ao novo pode ser compreendido como um verdadeiro processo de transformação interior. Nesse sentido, a pedagogia proposta por Paulo Freire convida o educador a assumir-se como sujeito inacabado, em permanente processo de construção e reconstrução. Para Freire, ensinar exige humildade, escuta e disponibilidade para o diálogo. Esse movimento implica romper com práticas autoritárias e abrir espaço para uma relação pedagógica mais horizontal, na qual educador e educando se reconhecem como sujeitos que aprendem e ensinam mutuamente. Tal processo de transformação pode ser simbolicamente associado à narrativa bíblica do encontro entre Nicodemus e Jesus Cristo, no Evangelho de João, quando Jesus afirma que é necessário “nascer de novo” para compreender uma nova forma de vida e de existência.

No contexto educativo, essa metáfora pode ser compreendida como a necessidade de um renascimento pedagógico. O educador, ao reconhecer as limitações de práticas tradicionais e ao abrir-se ao diálogo com seus estudantes e com a realidade social que os cerca, experimenta um processo de renovação de sua própria prática. Assim como o nascimento representa a entrada em uma nova forma de vida, o “nascer de novo” na prática docente simboliza a passagem de uma educação centrada na transmissão de conteúdos para uma educação fundamentada no diálogo, na escuta e na construção coletiva do conhecimento.

Desse modo, o educador que se permite participar deste processo de transformação assume sua prática como um caminho permanente de aprendizagem, reconhecendo que ensinar e aprender constituem movimentos inseparáveis no processo de humanização. O parto pedagógico configura-se como a reinvenção do educador, segundo Freire, o conceito de inacabamento humano.

Experiência formativa e diálogo na escola

A reflexão sobre a prática docente ganhou novos contornos a partir da experiência vivenciada em uma escola municipal, em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), por meio do projeto PIPAS – Educação para o Século XXI. Essa iniciativa possibilitou a realização de encontros formativos entre professores da escola, com o objetivo de promover momentos de diálogo, troca de experiências e reflexão coletiva sobre o fazer pedagógico.

Esses encontros evidenciaram a importância da formação continuada no interior da escola, possibilitando que os professores compartilhassem suas experiências, dificuldades e aprendizagens. A escuta sensível e o diálogo coletivo contribuíram para a construção de novas perspectivas sobre a prática pedagógica. Nesse processo, a escola passou a se constituir também como espaço de pesquisa, reflexão e produção de conhecimentos, fortalecendo a identidade do professor como sujeito pesquisador de sua própria prática.

Os termos cunhados são profundamente coerentes com suas referências teóricas, éticas, morais e políticas, sem, contudo, serem por elas aprisionados. São conceitos que estão lá, como um ponto de referência, à mercê da dinâmica dos diferentes contextos. Portanto, não há preocupação em dizer o que são, mas muito mais o que podem vir a ser, por meio da ação dos envolvidos.

A aula inaugural ministrada pela Professora/doutora Margareth Martins, realizada em 20/02/2020, foi prazerosa. Desenvolvida de forma significativa, construtiva, e atenta a particularidade de cada docente considerando o tempo, a vivência, e a individualidade de cada professor em sua trajetória no exercício de sua função no magistério. Neste período, estabeleceram-se as relações afetivas, encorajando-os e ofertando a magia do aprender e apreender com propósito. Nesta troca de saberes e fazeres, percebe-se que a relação professor e aluno vai além do repasse dos conteúdos. Esse momento ímpar possibilitou um novo OLHAR! O OLHAR dá coragem, da curiosidade, da sensibilidade, da escuta, da persistência. Enfim, olhar a partir da lente da Pedagogia Social.

Neste dia, a metodologia se deu de forma descontraída, utilizando uma didática com textos reflexivos, vídeos de conscientização, relatos e experiências dos professores que interagiram, favorecendo a integração e o despertar de novas sinapses para apropriação e entendimento dos códigos afetivos que estão impregnado nas relações inter e intrapessoais. O momento foi tão enriquecedor que provocou algumas manifestações das emoções. O cérebro criou atalhos a partir dos gatilhos acionados, gatilhos da emoção.

A direção da escola separou um encontro mensal para dialogar sobre a prática pedagógica dos docentes. A possibilidade da troca de relatos, das experiências vivenciadas, da escuta sensível, do olhar atento, no fazer pedagógico ofertou aos docentes um momento de partilha e comunhão. Todos com igualdade, garantindo a efetivação da lei na íntegra, permitindo a formação em serviço, com docentes mais humanizados e preparados na intenção de oportunizar equidade aos educandos nos aspectos pedagógicos e, assim, possibilitar que eles se superassem em seu processo ensino aprendizagem.

É essencial destacar a importância da continuidade e possibilidade de interagir com outro turno da escola, a fim de que se possa garantir um diálogo dentro do contexto de produção, que implica o movimento dinâmico e dialético entre o “fazer e o pensar”, sobre como “fazer e como pensar”. Assim, faz-se necessário o pretexto para a atuação do professor pesquisador refletir criticamente sobre sua literatura, sua linguagem, sua cultura, sua história, sua economia, entre outras áreas que se relacionam diretamente à formação do docente que aprende.

Ao transitar por aquele universo escolar, foi possível tomar consciência e constatar a situação da realidade. Tal análise se deu a partir da fala, do trato, dos olhares, da escuta, do cheiro e dos alunos, dos professores e de seus familiares. Nesse sentido, percebe-se o significado social no qual se está inserido, permitindo-se avançar no desafio e assumir uma postura conscientizadora, com a qual educadores-educandos e educando-educadores conjuguem sua ação cognoscente (Freire, 2011).

Discussão

Aos professores melhor orientados, propõe-se dinamizar mais seu espaço de sala de aula, pois “Ninguém Liberta ninguém, Ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2011 p. 71). A educação problematizadora sugere um esforço permanente através do qual homens vão percebendo criticamente como estão no mundo/escola. Assim, os desafios da sociedade atual colocam em xeque a atuação do professor no espaço da sala de aula.

Diante do exposto, vale observar a formação inicial deste profissional, que resulta em complementar as diretrizes curriculares e os conteúdos baseado numa aprendizagem que articula teoria e prática, saberes constituídos apenas para uma vida profissional (técnica). Tal observação se consolida nos estágios supervisionados, espaços propícios a construção do saber e do fazer. Daí, o nome “Estágio de observação”, pois a formação do professor se dá numa perspectiva de repassar conteúdos, de modo que se faz necessário e urgente repensar a formação

deste profissional. A discordância docente com o mundo atual demonstra um forte interesse em aprender, buscando melhor adaptação para as dificuldades enfrentadas no cotidiano.

As diretrizes, compreendidas na leitura, observadas nas atitudes dos interlocutores, como um ato que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, culturais e crenças, funcionam como esquema estreito das visões, portanto, é na intercomunicação com os pares que se percebe que o professor ainda pratica a “educação bancária”.

Para conscientizar-se, é necessário esvaziar-se das crenças que predominam e, por formação, apresentam uma “educação bancária”. Aquelas das aulas verbalistas, do domínio da leitura, dos métodos de avaliação dos conhecimentos, dos critérios de promoção, da indicação bibliográfica, da aprendizagem vertical, professor como detentor do saber, fala unilateral, alunos enfileirados, enfim, essas características que empossam o professor e intitulando-o mais importante no cenário do processo ensino aprendizagem, ainda tão presente na prática pedagógica.

Durante as atividades dos grupos, com exposição e relatos das experiências vivenciadas pelos professores nos encontros na escola referida ocorreu uma troca significativa. O diálogo é possível nas ações cotidianas, quando a equipe se senta para equacionar as decisões a serem tomadas. Relembrando a afirmação: “Preciso nascer de novo”, porque, ao renascer, despe-se da “normalidade” posta pelos espíritos empobrecidos, pela desumanidade que domina os humanos, retira-se a maquiagem da indiferença, sucumbe-se dos escombros da miserabilidade humana, valoriza-se o outro na sua forma de ser e de estar no mundo, fica-se disponível para o diálogo e utiliza-se a tecnologia como recurso para desenvolvimento e crescimento emancipatório, imprimindo nossas digitais na alma, informando e formando que é possível vencer a barreira da indiferença.

A partir desse movimento de inquietação, foi possível perceber o mundo/escola. Deve repensar o mundo/escola considerando uma observância na contemporaneidade, buscando relações do processo histórico. Nessa percepção espaço temporal, compreende-se que mudanças ocorreram no mundo atual, nos vários aspectos sociais, culturais. Entretanto, esse tempo está parado no fazer das práticas pedagógicas que precisam ser reformuladas, a fim de atender as demandas que coabitam o século XXI. Por isso, algo precisa acontecer na escola a começar pela atuação do docente.

Ensinar exige a convicção de que mudança é possível. Tal afirmativa expressada no fragmento do texto de Freire permite a possibilidade de sair do lugar passivo e intervir na realidade, porque “mundo não é”, mas “está sendo”. Assim, não cabe aos professores serem apenas expectadores, mas serem quem intervém como sujeito destas ocorrências, saindo do

lugar de objeto da história, assumindo como sujeito igualmente no mundo da história, da cultura, da política (Freire, 2018).

Partejamento Pedagógico é nascer na prática de educar. A educação, quando compreendida como encontro e diálogo, revela-se um espaço fecundo de renascimento. Nesse movimento, educar torna-se um processo de humanização, em que educadores e educandos se constroem mutuamente. Cada experiência educativa convoca à reinvenção: revisitar práticas, renovar esperanças e abrir caminhos para uma aprendizagem que transforma, acolhe e humaniza.

Vale ressaltar o uso do bom senso, pois o educador não deve se converter ao saber ingênuo e precário dos grupos populares, mas também não deve impor o seu saber de forma arrogante, como se só os saberes dos professores fossem verdadeiros. O diálogo deve ser motivado, levando os grupos populares a pensarem sobre suas experiências, a explicarem sobre seus saberes. Eles começam a sentir a necessidade de entender os motivos que os fazem serem desfavorecidos. Não se pode desconsiderar os saberes gerado nas experiências dos educandos, impressos nas suas vivências que carregam as cicatrizes do escasso, da indiferença e do abandono escolar.

Considerações finais

Os desafios da educação contemporânea exigem dos educadores uma postura crítica e reflexiva diante das práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar. Inspirada nos pressupostos freirianos, a reflexão apresentada neste trabalho reafirma a necessidade de compreender a educação como prática social. Repensar o fazer pedagógico implica reconhecer o caráter inacabado da formação docente e assumir o compromisso permanente com a transformação da prática educativa. Nesse sentido, o diálogo, a escuta e a construção coletiva do conhecimento constituem elementos fundamentais para a consolidação de uma educação mais democrática e humanizadora.

O Partejamento Pedagógico, em diálogo com a metáfora do nascer de novo na prática de educar, revela-se um espaço fecundo de renascimento. Na perspectiva freireana, o educador não é aquele que deposita saberes prontos, mas quem, em comunhão com o outro, parteja conhecimentos, permitindo que ideias, consciências e novos sentidos de mundo venham à luz. Nesse movimento, educar torna-se um processo de humanização, em que educadores e educandos se constroem mutuamente. Cada experiência educativa nos convoca à reinvenção: revisitar práticas, renovar esperanças e abrir caminhos para uma aprendizagem que transforma, acolhe e humaniza.

Assim, o partejamento pedagógico se revela um exercício permanente de escuta, sensibilidade e abertura ao outro. Nascer de novo, na prática de educar, significa reconhecer que ensinar e aprender exigem, antes de tudo, disponibilidade para o diálogo, humildade para caminhar junto e coragem para reinventar no cotidiano da escola. É nesse encontro vivo entre sujeitos que o conhecimento ganha sentido e a educação se reafirma como caminho de humanização e esperança.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Margareth Martins. **Pedagogia Social: Diálogo com crianças trabalhadoras** - volume III 1 ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2015.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única. Obras Escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. Lei nº 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2011